



RESENHA

A CARTA DE SATANÁS A BOLSONARO: PERFIL DE UMA AUTORIA

Resenha do cordel *A carta de Satanás a Bolsonaro* de autoria de Zé de Quinô. Arapiraca: Adições Agrestina, 2022.

MAGRI, Dirceu¹

A historieta vem de longa data e até muito recentemente era possível afirmar que todos a conheciam. Hoje, nem tanto. Talvez porque já não se lê mais como antes; por outro lado, convenhamos, tornou-se um tanto difícil encontrar homens sinceros, retos e que se desviam do mal. Jó² era assim. Não por outra razão despertou a atenção de Satanás. Um dia, em um café da tarde, os filhos do Altíssimo foram se apresentar perante ele. O Anjo Caído, que vinha de passear pela Terra, passou por lá e Deus lhe mostrou Jó como exemplo de virtude e fidelidade. Ardiloso e inteligente, Satanás afirmou que tamanha honradez provinha da vida confortável desfrutada por Jó. É então que o capiroto desafia o Senhor Deus: “Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema de ti na tua face!”³

Voilà! Dois potentados a desafiarem entre si. Apostas feitas, Satanás recebe autorização para infernizar a vida de Jó, testar a sua fé. Isto posto, resta-nos a questão: “Teria Deus nos

¹ Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e Université Paris I-Panthéon Sorbonne; Membro da SFEDS – Société Française d’Étude du Dix-Huitième Siècle; pesquisador do GRUPEBRAFF – Grupo de Estudos Brasil-França (IEA-SP); Pós-doutorado (Bolsista PNPd) na Universidade Federal de Viçosa-UFV; autor de *Borboletas e Colibris em sobrevoo*: presença francesa nas crônicas machadianas (Editora FAP-Unifesp, 2016) e *Voltaire, percurso pelos trópicos* (Editora Vermelho-Marinho, 2020).

² Protagonista do *Livro de Jó*, considerado o mais antigo do Velho Testamento bíblico. Supõe-se que Moisés teria escrito este livro quando se achava entre os midianitas, cerca de 1520 a.C. Jó seria descendente de quinto grau de Abraão, a partir do qual teriam se desenvolvido as religiões abraâmicas.

³ “O Livro de Jó”. In: *A Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969, p. 573.

confiado a Satanás, colocando-nos à prova?” Ao considerarmos a personagem de *A Carta de Satanás a Bolsonaro* é de se crer que, sendo Brasileiro, Deus não quisesse se meter na história, deixando-nos ao ensejo da consciência de uma maioria apegada à propriedade, à família e a uma pátria distópica. E deu no que deu: em um passado recente tivemos que lidar com as profundezas, o obscurantismo, a ignorância e uma boçalidade que jamais havíamos pensando que pudesse grassar entre nós.

A Carta de Satanás a Bolsonaro (2022), de autoria do poeta Zé de Quinô, é um desses cordéis críticos, denunciativos, cujo tom memorialístico nos leva à reflexão e tem o objetivo de fazer que não nos esqueçamos de um passado despropositado. Afinal, a memória é efêmera e as desgraças quotidianas encarregam-se de apagar até nossos dramas mais palpitantes. Quantos ainda guardam no espírito o riso da morte a ceifar almas às centenas durante a pandemia da Covid19? Quantos se lembram da terra remexida que, fotografada do alto, formava monturos ora retilíneos ora curvilíneos, por ter ela abraçado corpos deixados à própria sorte, uma vez que não lhes restara nada mais que a humanidade dos gases pútridos face à ausência de oxigênio, a indiferença e o escárnio da canalha que ocupava os mais altos postos do poder? O leitor pode relembrar tudo isso e muito mais ao ler a missiva de Satanás àquele que não era coveiro, mas divertia-se com a agonia das gentes.

A Carta de Satanás a Bolsonaro é composta de 24 sextilhas com rimas imperfeitas, cuja estrutura o poeta define por Xa Xa Xa. De natureza popular e subversiva, características próprias do cordel, *A Carta*, misto de sátira política e libelo, revela uma crítica pungente àquele que ocupou de modo nefasto a presidência do país. A epístola, redigida no Inferno, inicia-se com um fraseado melancólico, em que Satanás lamenta o fato de o seu “fascista preferido” não ter ganhado a eleição; consolando-o, garante “cadeira cativa” ao seu lado. Satanás revela-se um anotador da vileza do seu eleito, a ponto de afirmar: “Durante esse teu mandato/ Muita coisa eu escrevi.” Na sequência, deslinda a vilania, a zombaria, a perversidade, o racismo, a misoginia, a podridão e o negaceio que marcaram o governo do seu canalha preferido. Por fim, Satanás confessa a seu protegido que, dentre todos, ele se revelou “mais que maldito”, chegando quase a convencê-lo, a ele, o Pai da mentira - um daqueles casos em que o discípulo supera o mestre. Na última sextilha d’*A Carta*, assinada por Satanás, Presidente do Inferno, este relata ansioso não ver o dia nem a hora da chegada do ex-presidente do Brasil ao Inferno.

Zé de Quinô, ao trazer a personagem do Satanás para o universo do cordel, inscreve-se em uma genealogia que remonta às narrativas adâmicas, qual seja, a presença do Diabo na literatura. Há muito que ao Diabo a crítica atribui papel imprescindível na literatura, haja vista



a personagem traduzir as hesitações e vicissitudes da natureza humana, e o mal que ele representa ser nada mais que a liberdade ao homem concedida (Santo Agostinho, Schelling, Ricoeur). Nessa esteira, figuram obras icônicas como *Fausto*, de Goethe, *O Mestre e Margarida*, de Mikhaïl Boulgakov, *Le Diable amoureux*, de Jacques Cazotte, assim como uma infinidade de romancistas e poetas que versaram sobre o tinoso e seus domínios, a exemplo de Dante Alighieri, Milton, Baudelaire, Gil Vicente, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Álvares de Azevedo, Ariano Suassuna e tantos outros.

Daniel Alves dos Santos (44), natural de Arapiraca, Alagoas, começa a escrever aos 30 anos, logo depois de uma professora lhe apresentar a poesia. Torna-se então Zé de Quinô. Poeta e professor de História da rede pública municipal em Major Isidoro, sertão de Alagoas, Zé de Quinô tem revelado surpreendente intimidade com o cordel a ponto de nos perguntarmos o porquê de ele não ter começado a escrever antes. A despeito das razões e respostas à questão, é fato que os cordéis de Zé de Quinô transmitem a vivência, a sabedoria e a linguagem do povo que habita o semiárido e o agreste do Nordeste brasileiro, revelando em seus versos aspectos de uma geografia topográfica cultural e humana próprias das gentes da região.

Visceral, o poeta se mostra avesso à mercantilização da poesia. Em uma conversa franca⁴, Zé de Quinô, ao ser questionado sobre a publicação de sua obra, revela que parte dela foi espalhada pelo vento, pois o poeta a vê como alimento essencial ao espírito: “As pessoas precisam se alimentar dela [a poesia].” Por isso, revela, parte do que escreveu foi abandonado em bancos de praça, mesas de bar e até mesmo nas ruas por onde transitava. A alegria, confessa, advém de as pessoas encontrarem uma poesia sua, fotografarem-na e a publicarem nas redes sociais. Isto, sedimenta a sua crença de que poemas são sementes, ao esparramá-los pelas ruas e praças não faz mais que semear, ofício que corrobora um de seus pequenos prazeres, que é fazer algo com as próprias mãos, realizando-se, no caso, como artesão da palavra.

Ao ser indagado sobre a feitura da poesia, dos cordéis, Zé de Quinô de pronto responde: “Não tenho criatividade. É a palavra. A palavra me chama e vem à tona. Não tenho problema com a técnica, a forma. A palavra me chama e as sextilhas aparecem.” Emotivo, impulsivo e visceral, Zé de Quinô discorre sobre as suas obras impressas a partir de 2018, na seguinte ordem: *A exploração dos trabalhadores no comércio de Arapiraca*, *A greve na educação de 2017*, *A morte de João Amado, vendedor de prestação*, *O cordel do amor agreste*, *A prisão do pistoleiro Crispim, na Bahia*, *Triste Arapiraca*, *Rio São Francisco*, *A chegada de Olavo de*

⁴ Muitas das informações biográficas aqui provêm de uma conversa virtual entre mim e Zê de Quinô ocorrida em 31/03/2023.

Carvalho no inferno, e acrescenta estar em fase de conclusão um cordel dedicado aos eventos ocorridos em 08 de janeiro de 2023.

Ao tratar sobre cada uma das obras, Zé de Quinô (fiquei tentado a grafar simplesmente Quinô) deixa escapar que os poemas resultam da experiência pessoal, vívida e vivida, como a primeira delas, *A exploração dos trabalhadores no comércio de Arapiraca*, ou por acontecimentos quotidianos que interferiram no modo como o poeta lê e interpreta a vida ao seu redor. Em vista disso, se emociona ao dizer que considera *A morte de João Amado, vendedor de prestação*, um dos seus poemas mais profundos, manifesto que denuncia a morte de um trabalhador, um prestamista, assassinado covardemente por seu patrão. *A morte de João Amado* valeu ao poeta um convite para ingressar na Academia Alagoana de Cordel. À época (2019), Zé de Quinô acabara de publicar *Versos profanos*⁵, razão suficiente para um dos imortais taxá-lo de pornográfico. Ao comentar o episódio Zé de Quinô relembra Manoel de Barros que, em uma das poesias do seu *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (2001), afirma: “Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil/ Fiquei emocionado/ Sou fraco para elogios.” O fato é que Zé de Quinô, instintivo e espontâneo, deixou a Academia Alagoana de Cordel por considerá-la um tanto purista, digamos, retrógrada.

Se no início de seu ofício, a poesia de Zé de Quinô revelava um substrato predominantemente regional, hoje o poeta alargou seus horizontes e as questões políticas nacionais tornaram-se o lenho a ser desbastado em busca de uma essência que faça da poesia palavra combativa e instrumento de denúncia. Se antes, ao tratar dos problemas da cidade em seus cordéis, sentiu-se constrangido pelos poderes locais, após escrever *A Carta*, ao divulgá-la, confessa, sentiu medo. Contudo, se por um lado os meios digitais revelaram-se canais de desinformação, por outro, mostraram uma força superior à do vento e levaram a poesia de Zé de Quinô a cantos que ele sequer imaginava. Publicada no Instagram, hoje a poesia de Zé de Quinô atinge os mais distantes rincões do país, ampliando a recepção do poeta. Não à toa, *A Carta* serviu de introito e conclusão de uma crônica do jornalista José Bessa Freire no jornal *Pátria Latina*, publicação on-line. Por fim, Zé de Quinô aventurou-se pelo universo musical e seu poema *Vento Forte*, musicado pelo cantor Júnior Almeida, integra o álbum *O Avesso da Asa do Anjo*, do artista alagoano.

Publicado pelas Adições Agrestina, Arapiraca-AL, o cordel *A Carta de Satanás a Bolsonaro* (2022) é composto de 24 sextilhas distribuídas em oito páginas e teve a ilustração

⁵ *Versos Profanos*, Arapiraca: Editora Agrestina, 2019.

da capa elaborada por Leandro Alves. Ao leitor desta resenha, caso busque uma biografia do poeta nos moldes daquelas publicadas em manuais, com data de nascimento, nome de pai, mãe e tudo o mais, acesse <http://abcdasalagoas.com.br/index.php> e conheça um pouco sobre Zé de Quinô, autor d'A *Carta*.

REFERÊNCIAS

ZÉ DE QUINÔ. *A carta de Satanás a Bolsonaro*. Arapiraca/AL: Adições Agrestina, 2022.